

ELITE, CLASSE SOCIAL E PODER LOCAL

Israel Roberto Barnabé*

Este artigo busca uma discussão sobre a Teoria das elites, mais especificamente a elite política, acerca de sua contribuição bem como de seus limites para estudos sobre poder local, e a relação possível do conceito de elite com o de classe social.

Paradoxalmente às tendências do processo de globalização que vislumbramos mais claramente à partir do final da Segunda Guerra Mundial e mais intensamente neste final de século, segundo as quais, o poder - quer seja econômico, político ou ideológico - é exercido por grupos, conglomerados e instituições mundiais que extrapolam os perímetros local, regional ou mesmo nacional, o estudo de elites políticas locais ressurge, nas ciências sociais, como uma maneira bastante produtiva para entendermos a complexidade social em que estamos inseridos. Local primeiro onde se dão as relações de poder, a cidade propicia ao pesquisador uma visibilidade dos grupos que efetivamente exercem influência no controle do poder local. Apesar de tratar-se de estudos localizados e portanto não totalmente generalizados, entendemos que o conjunto de trabalhos desse tipo possa auxiliar a compreensão da sociedade capitalista como um todo.

* Mestre em Sociologia Pela FCL - UNESP - Araraquara.

Estudos de Sociologia

O termo 'elite' começou a ser empregado no século XVII (especificamente na França) designando produtos de qualidade excepcional, a 'nata' das mercadorias oferecidas à venda. Por volta do século XVIII, seu uso ampliou-se, incluindo a idéia de distinção em outros contextos, inclusive no social, denotando assim pessoas e grupos sociais superiores.

O termo difundiu-se a partir de 1930 através das teorias sociológicas das elites, principalmente aquelas dos autores do final do século XIX e início do XX, tidos como os 'pais' da teoria das elites, sendo eles os italianos Vilfredo Pareto (1848-1923) e Gaetano Mosca (1858-1941) e, num segundo mas não menos importante lugar, o alemão Robert Michels (1876-1936).

Segundo Pareto, haveria em todas as esferas, em todas as áreas de ação humana, indivíduos que se destacam dos demais por seus dons, por suas qualidades superiores. Eles compõem uma minoria do restante da população - uma elite .

Temos então dois estratos numa população: 1) um estrato inferior, a não - elite, cuja influência possível no governo não nos interessa aqui; 2) um estrato superior, a elite dividida em dois: a) a elite governante; b) a elite não-governante. (Pareto, 1966:73)

Buscando mostrar dois domínios da conduta humana; o racional (a ciência e a lógica) por um lado, e por outro o sentimento, Pareto dividiu a sociedade de acordo com esses dois domínios. Segundo ele, a elite, formada por indivíduos que têm maior influência, poder político e, na maioria das sociedades, maior riqueza, é impulsionada por forças racionais agindo, portanto, de acordo com uma compreensão racional de sua situação. O outro estrato, a não - elite (a massa) seria, por sua vez, impulsionada pelo sentimento (irracional), sendo impelida por forças cegas. Segundo Zeitlin, Pareto procura mostrar que

Israel Roberto Barnabé

(...) os levantes populares não têm conseqüências verdadeiras para o povo. Servem apenas para facilitar a caída da velha elite e o surgimento de uma nova. As elites usam as classes inferiores, dando um sentido puramente verbal aos seus sentimentos com o fim de conservar ou tomar o poder. (Zeitlin, 1968:191)

Para explicar o equilíbrio e a longevidade do corpo social, Pareto desenvolveu o conceito de 'circulação das elites', através do qual o autor procura mostrar a contínua substituição das elites ao longo do processo histórico. O rompimento desta circulação causaria a degeneração da elite, ou seja, o acúmulo nas elites de elementos de qualidade inferior e, abaixo delas, nas camadas inferiores, um acúmulo de indivíduos de traço superior - um quadro de crise propício à derrubada violenta da elite governante, à sua substituição por via de uma revolução.

De fato, haveria em todas as sociedades, ao longo do tempo, uma luta constante entre a elite no poder e os grupos dele excluídos. Não se trata porém de uma luta de classes como acreditavam os marxistas, e sim de uma luta de elites. Trata-se de uma luta que não cessaria nunca, mesmo que fossem extintas as classes sociais, dado que ainda assim se assistiria à formação de elites. (Grynszpan, 1996:36)

De acordo com tal raciocínio, a revolução socialista, por exemplo, se daria pela substituição de uma elite burguesa por uma elite socialista, uma sociedade que, longe de ser igualitária, seria também dominada por uma elite; além do que, uma situação onde a tese democrática clássica de que haveria um governo das massas, onde fosse soberana a vontade popular, deixa de ter base real e passa a ser elemento propulsor e legitimador de uma nova minoria.

Estudos de Sociologia

Assim como Pareto, Gaetano Mosca também dirigiu sua obra como uma refutação efetiva do marxismo, em particular contra a utopia de uma sociedade sem classes, sem exploradores e explorados, relacionando a noção de elite ao conceito, criado por ele, de 'classe política' - termo que, a partir da década de 60, começou a expandir-se, ao mesmo tempo que o termo 'elite', empregado por Pareto.

Segundo Mosca, existiria, em todas as sociedades, duas classes de pessoas: uma classe que dirige - menos numerosa, que exerce todas as funções políticas, monopoliza o poder e goza das vantagens que o poder traz consigo, e outra que é dirigida - mais numerosa que é controlada pela primeira.

Para ele, um dos aspectos mais óbvios de todos os organismos políticos era o de que havia sempre duas classes de pessoas, uma mais e outra menos numerosa, sendo que a primeira dirigida e a segunda dirigente. O que distinguia a minoria da maioria, conferindo-lhe o poder de dirigir, era, principalmente, a organização. Organizada, coordenada, ela se impunha a uma maioria atomizada, desarticulada. Além disso, a minoria também se destacava por possuir algum atributo, alguma qualidade altamente valorizada em termos sociais, como a força física, o contato direto com divindades, o saber, a riqueza e assim por diante. (Grynszpan, 1996:37)

Outro elemento de acesso à classe dirigente é a hereditariedade que, segundo Mosca, justifica a estabilidade e permanência dessa classe. O autor chama esse conjunto de elementos de 'fórmula política' - termo que inclui os valores, as crenças, sentimentos e hábitos comuns que resultam na história coletiva de um povo e cuja deterioração seria sinal de que sérias transformações na classe política dirigente surgiriam - uma revolução.

Se uma nova fonte de riqueza se desenvolve numa sociedade, se a importância prática do saber aumenta, se uma antiga religião declina ou se nasce uma nova, se uma nova corrente de idéias se propaga, então, simultaneamente, ocor-

Israel Roberto Barnabé

rem deslocamentos de longo alcance na classe dirigente. (Mosca, 1966:66)

Nota-se em Mosca uma semelhança a Pareto com relação ao caráter universal da existência de uma minoria dominante, característica esta que entra em choque com os ideais socialistas marxistas, bem como com a idéia clássica de democracia. Segundo o autor,

Pretendeu-se ver na propriedade privada das terras, dos capitais e de todos os instrumentos de produção a causa principal do caráter hereditário da influência política. Não se pode negar que esta visão constitua uma parte da verdade, mas acreditamos também que, ainda que a propriedade de todos os meios de produção estivesse nas mãos do Estado, aqueles que o administram, *e que são sempre a minoria* [grifo nosso], acumulariam nesse instante o poder econômico e o poder político... (Mosca: 1968:315)

Mosca afirma que há um ‘método de recrutamento’ através do qual a classe política admite e conserva, no seu seio, um certo número de indivíduos e recusa outros. Para que um indivíduo faça parte desta classe precisa ter duas características básicas: a) aptidão para dirigir (qualidades pessoais); b) vontade de dominar e a consciência de possuir as qualidades requeridas.

Com relação à noção de democracia (entendida como igualdades entre os indivíduos, soberania popular, governo da maioria), Mosca afirma que “(...) é impossível que uma democracia funcione bem sem que a ação das massas populares seja coordenada e disciplinada por uma minoria organizada, ou seja, também por uma classe dirigente”(Mosca, 1968:307). O fato de participar das eleições não significa que o povo comande seu governo, ou mesmo que escolha seus governantes. O povo opta sempre a partir de um conjunto, que lhe é dado, de candidatos promovidos por minorias organizadas.

Estudos de Sociologia

Concluindo notamos que Mosca, apesar de afirmar que os ideais democráticos não se operam na prática, via na democracia a possibilidade de renovação da classe dirigente aberta a elementos vindos de baixo. Seu contrário seria a tendência aristocrática, o sistema socialista, por exemplo, onde o governo e a economia eram delegados às mesmas pessoas, acumulando um enorme poder, imunes a qualquer tipo de controle.

Robert Michels, alemão - embora tenha vivido e trabalhado na Itália - também elegeu como seu principal objeto de investigação a democracia. Embora esse assunto não nos interesse particularmente neste artigo, foi através de análises deste conceito que os fundadores da teoria das elites aprofundaram seus trabalhos.

Ao contrário de Pareto e Mosca, Michels não pretende refutar toda a obra de Marx. O autor aceita a teoria marxista de luta de classes preservando os elementos analíticos do método marxista, contestando, porém, a utopia marxista de uma sociedade sem classes.

Segundo Michels, a democracia exige a organização que, por sua vez, conduz de modo necessário para a oligarquia. Os homens designados em princípio para servir aos interesses da coletividade, rapidamente desenvolvem interesses próprios, opostos a dita coletividade. O autor afirma ainda que "(...) a organização é a fonte de onde nasce a dominação dos eleitos sobre os eleitores, dos mandatários sobre os mandantes, dos delegados sobre os que delegam" (Michels, 1982:238).

Se retomarmos Mosca, este afirma que a complexidade das sociedades impossibilita o ideal participativo da democracia - governo direto das massas - tendo em vista a patologia das mesmas. Como Mosca, Michels afirma que, sendo incompetentes para tomar decisões importantes, as massas necessitam de chefes, líderes adorados que ao falarem e escreverem em nome das massas reforçam a posição dos líderes

Israel Roberto Barnabé

- democracia representativa - uma tendência inexorável para o autor. Uma situação onde a diferenciação crescente entre delegados (líderes) e as massas faz com que o direito de controle reconhecido à massa torne-se cada vez mais ilusório.

Fugindo ao controle da massa, ela [a organização] passava a ser direcionada não para os seus interesses, mas sim para os dos chefes, ou melhor, para os interesses que estes sustentavam ser os da massa. (Grynszpan, 1996:39)

Portanto, Michels também procura mostrar que a democracia, tal como propalada, era impraticável. A frase *‘os revolucionários de hoje são os reacionários de amanhã’*, passou a ser uma marca do trabalho deste autor tão importante quanto Pareto e Mosca no que concerne à análise das elites nas sociedades capitalistas.

Procurando mostrar a definição do conceito de elite, trabalhando com os chamados ‘pais’ da Teoria das elites, podemos perceber que todos eles estão de acordo no que concerne à idéia de que haveria, em todas as sociedades, em grupo de indivíduos que, por razões específicas, se destacariam da massa, formando uma elite e tomando as grandes decisões sociais. A ‘elite’ de Pareto, a ‘classe política’ de Mosca e os ‘líderes organizados’ de Michels, são conceitos que, na verdade, representam esses indivíduos do poder.

Notamos que as concepções desses autores trazem, para a análise das sociedades contemporâneas, contribuições importantes e, ao mesmo tempo, algumas limitações.

Ao analisarmos as elites sociais partindo do pressuposto da Teoria das elites, podemos dar visibilidade aos grupos que efetivamente dominam a sociedade capitalista e mostrar a constante luta pelo poder que tem movido a história da humanidade. Neste sentido, a obra dos referidos autores possui grande importância nos estudos de poder local onde os grupos dominantes (a elite) são mais visíveis e onde pode-se

Estudos de Sociologia

perceber mais facilmente como se dão as relações entre esses grupos.

Entretanto, tendo como conceito central a idéia de uma ‘minoridade politicamente ativa’, ou seja, nas palavras de Décio Saes, “a minoria de homens que assume, em qualquer espécie de sociedade humana, o controle do processo de tomada das grandes decisões políticas” (Saes, 1994:08), a Teoria das elites define como um fenômeno universal a dominação da maioria social pela minoria social.

Ao trabalharem com o conceito de elite, Pareto, Mosca e Michels direcionam seus trabalhos contra o marxismo, refutando o conceito de classe social e conseqüentemente a idéia de luta de classes. Esta crítica ao marxismo impossibilita que os autores vislumbrem alguma possibilidade de mudança significativa na sociedade capitalista, ou seja, ao insistir na existência eterna de uma elite governante, os autores não conseguem perceber os nexos que ligam as elites com os interesses do capital (da classe dominante de uma maneira geral), perdendo de vista os conflitos sociais de classe que permeiam o capitalismo e que poderiam levar a uma transformação mais profunda.

* * *

Ao analisarmos as obras dos teóricos das elites citados acima, notamos a existência de uma posição crítica ao sistema socialista e, em especial, à noção de classe social de Marx. De fato, no início a noção de elites foi concebida em oposição à de classes sociais; porém, posteriormente começaram a surgir trabalhos como os de Miliband, Bottomore e outros que procuraram estabelecer uma relação entre os dois conceitos. Neste sentido, diferentemente de autores como Pareto e Mosca, por exemplo, que concebiam a noção de elites como oposta à de classes sociais, partiremos do pressuposto de que tais conceitos, ao contrário de serem antagônicos, possuem uma característica de complementaridade e que,

Israel Roberto Barnabé

ao serem estudados conjuntamente dentro de uma realidade concreta, poderão auxiliar o entendimento sociológico da complexa sociedade capitalista contemporânea.

O conceito de ‘classe social’ é um dos mais polêmicos da sociologia. Mesmo entre os marxistas, onde a teoria das classes tem uma maior centralidade, não há unanimidade sobre este conceito, sequer sobre seu significado dentro das obras de Marx.

Bottomore, ao analisar a obra de C.Wright Mills (*A Elite do Poder*), na qual Mills critica o conceito de classe dominante entendendo que tal conceito imprime uma falsa idéia de que uma classe econômica domina politicamente, afirma que a análise de Mills é pouco satisfatória pois este separa três elites fundamentais (dirigentes das empresas, os líderes políticos e os chefes militares) e as junta formando a ‘elite do poder’ - um grupo que, segundo Mills, seria coeso, tendo em vista a semelhança de suas origens sociais, os estreitos laços pessoais, etc.

Segundo Bottomore, Mills não explica o que une tais elites. Uma resposta seria afirmar que esses grupos formam uma única elite representante de uma classe alta - a classe dominante; porém Mills não aprofunda essa questão limitando-se apenas em refutar o conceito de classe dominante. “Além do mais, eliminando a idéia de uma classe dominante, exclui também a de classes em oposição, chegando assim a uma visão extremamente pessimista da sociedade americana” (Bottomore, 1965:33).

Com relação a Pareto que avalia o conceito de classe dominante como errôneo, visto que a contínua circulação das elites impede a formação de uma classe dominante estável e fechada e que, por outro lado, aponta para a impossibilidade da existência de uma sociedade sem classes (socialista), tendo em vista a existência necessária, em toda sociedade, de uma minoria que efetivamente governe, Bottomore afirma que embora essa teoria critique o determinismo marxista, é ela

Estudos de Sociologia

mesma determinista ao afirmar que uma sociedade não pode deixar de ser dividida em uma minoria dominante e em uma maioria dominada.

Com essas críticas Bottomore procura mostrar que se os conceitos de ‘classe social’ e ‘elite’ podem, por um lado, opor-se inteiramente, por outro, podem ser considerados conceitos complementares ajudando-nos a analisar sociedades nas quais exista uma classe dominante e ao mesmo tempo elites que representem aspectos particulares de seus interesses. Nas palavras do autor, “(...) será muito difícil afirmar que o progresso de nivelamento social já avançou tanto nas sociedades capitalistas do Ocidente que as elites ... já não possuem qualquer conexão com as classes sociais” (Bottomore, 1968:94).

Outro autor que buscou trabalhar a complementaridade entre os conceitos em questão foi Miliband. Temos, segundo ele, por um lado o esquema marxista que entende como ‘classe dominante’ aquela que possui e controla os meios de produção - poder econômico que lhe possibilita usar o Estado como instrumento de dominação da sociedade e, por outro lado, os autores liberais que, em oposição ao conceito marxista, afirmam ser impossível falar em uma classe capitalista devido à fragmentação do poder econômico existente nessa sociedade. Segundo os liberais,

poder-se-ia falar, no máximo ... de uma pluralidade de elites competitivas, políticas e outras, incapazes pelo simples fato de sua pluralidade competitiva, por falta de coesão e de objetivo comum, de formar uma classe dominante de qualquer tipo. (Miliband, 1972:36)

Segundo Miliband, apesar da existência da fragmentação do poder econômico apontada pelos teóricos das elites, há na sociedade capitalista fatos que comprovam a existência de classes e de uma classe dominante, sendo eles: a) a existência de uma desigualdade realmente fantástica na posse da propriedade; e b) o fato de que

Israel Roberto Barnabé

(...) continua a existir uma classe relativamente pequena de pessoas que possuem grandes parcelas de propriedade sob uma ou outra forma e que recebem também enormes rendas, derivadas geralmente, no todo ou em parte, da posse ou do controle dessa propriedade; (...) e também uma ampla classe de pessoas que possuem muito pouco ou quase nada e cuja renda, derivada em sua maior parte da venda de seu trabalho, significa uma proporção considerável de restrição material, pobreza real ou privação. (Miliband, 1972:40)

Seguindo esses argumentos o autor conclui que

(...) pode-se afirmar com segurança que existe realmente uma pluralidade de elites econômicas nas sociedades capitalistas avançadas e que, apesar das tendências à integração do capitalismo avançado, tais elites constituem grupos e interesses distintos, cuja competição afeta consideravelmente o processo político. Esse ‘pluralismo de elites’ não impede, porém, as distintas elites da sociedade capitalista de constituir uma classe econômica dominante, caracterizada por um elevado grau de coesão e solidariedade, com interesses e objetivos comuns que transcendem bastante suas diferenças específicas e suas discordâncias. (Miliband, 1972:66)

Por último e seguindo, de certa forma, o mesmo raciocínio, gostaríamos de citar Décio Saes que em seu texto ‘Uma contribuição à crítica da teoria das elites’ procura mostrar a incapacidade dessa teoria em dar conta da realidade e, por outro lado, a importância real que a mesma nos oferece para a compreensão da sociedade atual.

De acordo com Saes, não há nenhum parentesco entre a tese clássica da teoria das elites e as concepções macro-

Estudos de Sociologia

políticas marxistas. A diferença mais nítida entre as duas concepções consiste no fato de que, enquanto na teoria das elites a dominação por minorias é um *fenômeno universal, permanente e eterno*, na teoria marxista tal dominação é encarada como um *fato histórico*, relacionado com a existência da sociedade de classes (inexistente nas sociedades primitivas e suscetível de ser liquidada na época contemporânea através da implantação do socialismo).

A crítica principal à teoria das elites consiste, segundo Saes, no fato de que tal teoria é incapaz de cumprir sua própria plataforma, qual seja: a busca de um modelo alternativo de explicação à teoria marxista de classe dominante, para a formação de um grupo politicamente dominante.

Na verdade, a debilidade reside no fato de que a teoria das elites, ao desconsiderar qualquer conexão entre ação política e interesses coletivos constituídos noutras esferas, mostra-se incapaz de explicar a formação de um grupo politicamente dirigente na sociedade contemporânea. (Saes, 1994:13)

Entretanto, a teoria das elites tem, nas palavras de Saes, o mérito de suscitar a análise morfológica do processo político, identificando grupos politicamente dominantes na sociedade capitalista. Neste sentido, o autor atenta para a necessidade de um trabalho comparativo entre as noções de elite e classe social.

(...) ao aceitar o repto da teoria das elites pode-se chegar, no plano morfológico de análise, à diferenciação da classe dominante, classe detentora do aparelho de Estado e classe reinante (os agentes coletivos que, respectivamente exercem o poder político, ocupam o topo do aparelho de Estado e prevalecem no sistema partidário. (...) Nesta medida, a comparação entre os dois sistemas teóricos nos

Israel Roberto Barnabé

permite, independentemente da avaliação de sua falsidade ou justeza, estabelecer o contraste entre a limitação de um (teoria das elites) e a abrangência de outro (teoria política marxista renovada), na análise das sociedades de classes e, em particular, da sociedade capitalista. (Saes, 1994:18)

* * *

Apesar de estarmos de acordo com relação à existência de uma elite do poder (tanto em nível nacional quanto em localidades específicas), entendemos que a obra dos autores da Teoria das elites é limitada e incompleta pelo fato de os mesmos terem ignorado a existência das classes sociais.

Ao elaborarmos pesquisas sobre elite política local nos deparamos, neste campo conceitual, com algumas inquietações que entendemos bastante relevantes. Partindo do pressuposto de que a sociedade capitalista é estruturada pelas classes sociais, como analisar a presença dessas classes no nível local ? Ou seja, como a classe dominante se faz presente em localidades específicas ? Seria correto pensarmos em uma 'classe dominante local'? Seria necessário a criação de um novo conceito para a análise dessas realidades ? Ou, por fim, seria possível (e esta hipótese nos parece mais cabível) buscarmos uma relação de complementariedade – já apontada anteriormente – entre os conceitos de elite e classe social ?

Esta relação proposta exigiria um árduo trabalho por parte dos cientistas sociais, tendo em vista a difícil tarefa em apontar os nexos que ligariam a elite local aos interesses do grande capital, ou seja, da classe dominante em geral. Faz-se necessário aqui um esclarecimento sobre o que entendemos por 'elite política'.

Alguns estudiosos dividem a elite política em 'elite oficial' (os indivíduos que efetivamente exercem cargos políticos) e 'elite não-oficial' (os que controlam ou orientam as decisões políticas). Apesar de acharmos possível tal divisão,

Estudos de Sociologia

entendemos que o estudo de uma ou outra parte da elite política isoladamente levaria a um trabalho fragmentado e talvez equivocado sobre quem realmente exerce o poder.

Segundo Hewitt citado por Bilac, “elites políticas são aquelas que ocupam os altos cargos no Estado, ou seja, os representantes politicamente eleitos e os altos funcionários civis” (Bilac, 1995:4). Assumindo esta definição, Bilac restringe seu trabalho a uma descrição dos prefeitos e vereadores de Rio Claro, não levando em consideração as forças econômicas e ideológicas que estão por trás dos políticos formais.

Neste sentido, buscando uma análise mais ampla sobre poder local, definimos elite política não apenas como a somatória de prefeitos e vereadores de um município, mas sim formada também por um conjunto de indivíduos com poder econômico, político e ideológico que, influenciando de forma direta ou indireta o exercício do poder e unidos por interesses comuns, apesar de eventuais contradições entre si, formam um grupo coeso, trabalhando basicamente pelo mesmo interesse, qual seja: o controle do poder local.

A partir do estabelecimento empírico da elite política de uma localidade, o próximo passo seria o mapeamento de nexos desta elite com a classe dominante em geral. Estes nexos podem ser percebidos no ramo financeiro – bancos e financiadoras que implementam, no local, as tendências do mercado financeiro nacional ou global; no ramo empresarial – e aqui seria importante apontar quais empresas locais têm relações com grandes corporações e como são essas relações; no ramos das telecomunicações – atentando para a atuação da mídia enquanto criadora de realidades e de formas de pensar em esferas que estrapulam o local; e outros.

Em um mundo globalizado, ou em processo de globalização, onde vários conceitos que parecem não dar conta da realidade precisam ser repensados, um esforço do tipo proposto por este artigo seria precioso para a compreensão da

Israel Roberto Barnabé

sociedade nacional. Talvez necessitemos adequar os conceitos, repensá-los, buscar suas contribuições reais para a análise social contemporânea. Um trabalho mais amplo que busque mostrar os nexos que ligam essas duas instâncias de poder (elite e classe dominante) ainda está por fazer e seria extremamente importante para a compreensão da sociedade capitalista atual.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTONI, E.A. *Doutrina de Classe e Teoria das Elites*, Rio Imago, 1990.
- BILAC, M.B.B. *As Elites Políticas de Rio Claro: um estudo sobre a formação dos setores dirigentes em um município paulista*. Campinas, 1995. Tese de Doutorado – Unicamp.
- BOTTOMORE, T.B. *As Classes na Sociedade Moderna*, Zahar, 1968.
- BOTTOMORE, T.B. *As Elites e a Sociedade*, Zahar, 1965.
- DAHL, R. *A Moderna Análise Política*, Rio: Lidado, 1966.
- DAHL, R. *Who Governs?* New Haven/London: Yale University Press, 1964.
- DOMHOFF, G.W. *Quién Gobierna Estados Unidos?* Siglo, 1969.
- FAUSTO, R. “Sobre as Classes”. In: ___ *Marx - Lógica e Política*, (Tomo II), Brasiliense, 1987.
- GRYNSZPAN, M. “A teoria das elites e sua genealogia consagrada.” In: *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n.41, Relume/Dumará, ANPOCS, 1996.
- HUNTER, F. *Community Power Structure: A Study of Decision Makers*, North Caroline/Chapell Hill: The University Press, 1953.
- LEAL, V.N. *Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo, Alfa Omega, 1975.
- MARX, K. A fórmula trinitária. In: *O Capital*, volume III, Tomo 2, Abril Cultural.

Estudos de Sociologia

- MARX, K. As Classes. In: *O Capital*, volume III, Tomo 2, Abril Cultural.
- MICHELS, R. *Sociologia dos Partidos Políticos*, Brasília: Universidade de Brasília, 1982.
- MILIBAND, R. Elites Econômicas e Classe Dominante. In: *O Estado na Sociedade Capitalista*, Rio: Zahar, 1972.
- MILLS, C.W. *A Elite do Poder*, Zahar, 1981.
- MOSCA, G. A classe dirigente. In: *Sociologia Política*, (org. Amaury de Souza), Rio: Zahar, 1966.
- MOSCA, G. A teoria da classe política dirigente. In: *História das Doutrinas Políticas - desde a antiguidade*, Rio: Zahar, 1968.
- PARETO, V. As elites e o uso da força na sociedade. In: *Sociologia política*, (org. Amaury de Souza), Rio: Zahar, 1966.
- POULANTZAS, N. *As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje*, Rio: Zahar, 1978.
- POULANTZAS, N. Política e Classes Sociais. In: *Poder Político e Classes Sociais*, S. Paulo: Martins Fontes, 1986.
- RIDENTI, M.S. *Classes Sociais e Representação*, Cortez, 1994.
- SAES, D. Uma contribuição à crítica da teoria das elites. In: *Revista de Sociologia e Política*, n° 3, 1994.
- SILVA, B. (coord.) *Dicionário de Ciências Sociais* - Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação, Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio, 1986.
- WRIGHT, E.O. A estrutura de classes das sociedades capitalistas avançadas. In: *Classe, Crise e o Estado*, Rio: Zahar, 1981.
- ZEITLIN, I. Parte II - El debate com el fantasma de Marx. In: *Ideología y teoría sociológica*, Buenos Aires: Amorrortu, 1968.